

# **A Questão De Deus**

**Em**

**Gabriel Marcel**

# A Questão De Deus Em Gabriel Marcel

Adriano Soares de Sousa ◇ PUC-MG

**Resumo:** O presente trabalho apresenta o pensamento de Gabriel Marcel constituído em um contexto de crítica ao cientificismo e o racionalismo moderno, a obra de Marcel projeta, antes de tudo como uma interrogação acerca do peso ontológico da experiência. O artigo procura esclarecer como o autor define Deus através da filosofia, e principalmente baseando-se na sua experiência de vida.

## INTRODUÇÃO

Para começar falar sobre a filosofia de Gabriel Marcel faz-se necessário entender um pouco de sua história de vida. Nosso filósofo nasceu no dia 7 de dezembro de 1889 em Paris e formou-se em filosofia aos vinte anos e dedicou ao jornalismo e ao teatro. Sua mãe era judia faleceu quando tinha apenas quatro anos de vida, seu pai casou-se novamente e sua madrasta o criou na doutrina protestante.

Converteu-se ao catolicismo no auge de seus 40 anos depois de trabalhar na primeira guerra mundial como voluntário na cruz vermelha. Em 1929 batizou com o seguinte pensamento: “Nenhuma exaltação, mas um sentimento de paz, de equilíbrio, de esperança e de fé”.

A partir de sua experiência de vida, acentua viver os problemas filosóficos para ele, a verdadeira filosofia concreta nasce de uma tensão criadora, continuamente renovada ele mesmo define sua filosofia como socrático-cristã ele também não aceitou ser chamado de existencialista cristão (mas é) Gabriel faleceu em 8 de outubro de 1973.

Embora seu pensamento tenha sido escrito no período da primeira guerra mundial, constatamos com uma atualidade incrível de seu pensamento, pois o homem se encontra em guerra consigo mesmo e com o mundo que o cerca. Sua crítica à sociedade tecnocrática, que transforma o homem em objeto, é cada vez mais atual. Marcel procura trazer outras faces do homem que foram esquecidas e que são de grande significado, como o emocional e o espiritual, e como a filosofia tradicional fez.

O pensamento de Marcel, porém ainda é pouco estudado no Brasil, sendo hora de revivê-lo, superando esse culto doentio ao cientificismo, ao que provável, pois o incompreensível culto do homem a ciência que cada vez mais reduz o mesmo como objeto, e sua existência a uma temporalidade. Enfim, parece que o homem serve alegremente àquela que o minimiza.

Marcel é um filósofo de envergadura, pois, é contemporâneo de vários filósofos como Jean Paul Sartre, Merleau Ponty, Heidegger, aliás Marcel foi amigo de Sartre e teve grandes embates

filosóficos.

Na tradição da filosofia francesa, Marcel é um dos primeiros a afirmar que a filosofia não lida com problemas, mas sim com mistério, e no conceito de Marcel o que seria problema? Para ele problema é tudo aquilo que se torna coisa ou se torna objeto, problema é uma coisa que se dá em minha vida e que se torna obstáculo, logo tenho que resolver, para ele problema é específico no campo das ciências empíricas, logo a filosofia lida com mistérios. E o que seria mistério? De acordo com Marcel mistério é aquilo que se dá a conhecer, mas, que não se torna objeto, nem posse, nem propriedade, no mistério quando fazemos a pergunta: Quem sou eu? Nessa pergunta estamos envoltos nela, isso não é feito externamente, mas; interiormente, logo a função primeira da filosofia é restituir para nós o peso ontológico da nossa existência, e a minha existência eu a sinto, eu a vivo, eu me relaciono não somente de uma ideia estabelecida (ai vem uma crítica aos filósofos do idealismo alemão e a Descartes que veremos em breve. Não tão breve assim), para Marcel, o mistério da vida está na própria encarnação, mas essa encarnação é diferente da forma cristã, para ele encarnação é o nosso corpo, porque o nosso corpo é única forma que temos de relacionar com o mundo, em um de seus ensaios ele vai ser ousado, ele vai dizer que não tem um corpo, pois se tem um corpo se trata de coisa, ele vai falar que é um corpo, e isso é encarnação, pois ela me possibilita a entrar em relação e comunhão com o outro, sendo assim a vida tem um valor ontológico de participação no mundo.

## 1. O HOMEM E O CULTO EXAGERADO À CIÊNCIA EM GABRIEL MARCEL

Como se vê, o maior problema é a visão que o homem traz de si mesmo<sup>1</sup>. Este tem se deteriorado devido, principalmente, à crença em todas as verdades científicas. Sendo Gabriel Marcel o homem saiu de uma crença na religião e passou para uma crença na ciência onde às teorias científicas são aceitas como se fossem dogmas.

Como o desenvolvimento que teve nos últimos tempos e com a vontade do homem de acreditar somente no que é material, no lógico no que só pode experimentar ou provar, foi aumentando cada vez mais à idolatria a tecnologia (CARVALHO.2014)

Sendo que este movimento tecnológico pode levá-lo à sua destruição e isto é bem evidente perigo de uma guerra nuclear e a capacidade que o homem tem através da tecnologia de destruir a humanidade.

Além desse perigo o tecnicismo tem levado a humanidade a um extremo materialismo, que leva o homem a se perceber cada vez mais como uma coisa, esquecendo-se da sua posição que tem relação ao mundo, ou seja, a sua dimensão que está além da matéria.

Com urgência da tecnologia e ciência, pode-se dizer que esses fatos dificultam o homem moderno

---

<sup>1</sup> Segundo Gabriel Marcel, a ciência (ou a verificação) não pode captar o objeto da fé que é Deus. Deus é o não verificável. E o crente não pode explicar Deus por meio de demonstrações verificáveis, já que Deus está além de todas as razões e além de toda relação causal. Deus é o outro da ciência que verifica; é o absolutamente Outro. O homem é feito para Deus e não pode deixar de reconhecê-lo quando ele passa na sua proximidade. A atitude que convém ao homem diante de Deus não é a de especulação nem a de interrogação, mas a de adoração, de humilde oração. O filósofo deve falar a Deus, não de Deus.” (CARVALHO, Genival Oliveira, [revista Último Andar (ISSN 1980-8305), 2014)

em enxergar sua essência divina, criando uma barreira para que a contribuição que cada um tem a dar seja entendida como uma forma de transcender-se diante de suas atitudes e participação social.

Não se deve, no entanto, pensar, no término da tecnologia, o que se deve fazer segundo Gabriel Marcel, é dar a ela o seu devido lugar. Faz-se necessário que compreendê-la como um meio e não como um fim em si, como é tratado ultimamente. A técnica propriamente dita está a serviço do homem; como fim em si ser torna idolatria. Isso mostra, por exemplo, quando o homem vai fanatizando cada vez mais em possuir coisas de última geração (celular, notebook, carro e etc.) e, nesse sentido não é positiva, pois, fica refém dessas tecnologias.

## 2. O SER E O TER<sup>2</sup> (MARCEL,1964)

Dois conceitos de suma importância no pensamento de Gabriel Marcel são O ser e O ter, ele chegará a eles através da reflexão sobre a unidade corpo e alma. O que se demonstra num sentido de posse não ser é acréscimo a este. Só se tem aquilo de que se pode dispor, nisto se impõe uma questão: o que se pode ter? Para Gabriel Marcel de nada se pode dispor como objeto tudo é extensão do corpo numa relação de participação assim a alma e o corpo estão ligados também, nessa relação:

“Não existe problema de relação corpo alma. Não posso me opor a meu corpo. Não posso perguntar o que ele é em relação a mim”. No momento em que penso meu corpo objeto deixa de ser meu. O que tenho sobre aspecto permanece alheio a mim (Marcel, Gabriel,1956, p.254)

O ter mostra-se na dimensão de posse. Por exemplo, possui-se um instrumento e este é exterior ao seu possuidor, permanece estranho a este. Mas pode ocorrer do chegar a algo mais profundo onde quase desaparece essa dualidade, homem aqui é coisa, e aqui que o objeto passa a ser visto como um prolongamento do homem.

Isto não só em relação as coisas externas mas também em relação ao corpo, não se deve tratá-lo como sendo um objeto mas como extensão do indivíduo. Aqui passa-se da esfera do ter para o ser. O ser é a participação, é está com, crescer e conviver com a posse sem deixar se possuir por ela e sim que deve-se aprender com a posse sem deixar possuir por ela e para isso é preciso que o relacionamento, que vai aprendendo a se comunicar com os demais não sendo assim um ser fechado em si, mas que cresce num processo contínuo até o Ser absoluto.

Mas temos que nos preocupar em entender também que o homem é mais que seu corpo, esse lhe possibilita existir nessa realidade temporal, fundamenta sua história, porém, não se pode reduzir a essa duração, existe possibilidade de superar essa temporalidade, de transcender; e isso só é permitido quando o homem entende que deve percorrer este caminho rumo a um lugar atemporal, e que neste caminho deve estar aberto ao mundo participando com tudo o que lhe cerca.

Esse homem que consegue compreender essa relação é o *homo viator*, ou seja, que está sempre em

---

<sup>2</sup> Peça teatral “Um homem de Deus”, 1964.

devenir, em processo de crescimento.

### 3. EU-TU: INTERSUBJETIVIDADE

Desde processo do *homo viator* o Tu<sup>3</sup> vai ter o papel relevante, o Tu compreende-se enquanto o outro que mesmo sendo de natureza é radicalmente diferente, mas quando não se trata-o como sujeito do qual tira-se proveito mas que ajuda o Eu a crescer e que também necessita dele para seu crescimento: “Quando trato o outro como um ele, reduzo-o a uma natureza : um objeto animado que funciona desta e não daquela outra maneira”(Marcel, Gabriel. 1935. p.154).

A presença do Tu é necessária e mesmo imprescindível para que o indivíduo se revele a si próprio permite e legitima o que ele é perante a si mesmo. Permite a ele se firmar como ser individual situado, capaz de criar e transcender. Este outro não é o Eu. É por assim dizer o mediador entre o seu ter e sua possibilidade de ser.

E assim se firma a relação intersubjetiva: uma relação que é recíproca e onde todos se tratam como Tu. Como foi devido a reflexão a respeito do corpo-alma que surgiu os conceitos ser e ter, refletindo sobre os problemas da relação entre os homens que vai surgir, no pensamento marceliano, a questão da relação intersubjetiva.

Observando a primeira guerra mundial e como ela alterou a situação do homem europeu, trazendo-lhe a experiência de catástrofes e o obrigando a indagar sobre o espírito humano e o que é que ele pode superar e constituir, é que Marcel procurará mostrar que é possível superar isto, se constituindo um relacionamento com o outro, através da verdadeira comunhão que apenas pode dar-se num encontro com seres dotados de interioridade.

No mundo atual com o tecnicismo, dificilmente o homem pode viver uma relação do tipo Eu-Tu com o mundo que o cerca. Nas grandes cidades, o sistema de relação anônima é uma forma ilegítima de convivência humana, onde o homem tiver relações primárias de amizade, aí está ameaçada a raiz verdadeiramente humana de sua existência, pois o ser homem jamais poderá ser reduzido a meras relações objetivas e impessoais. Percebe-se, de fato que a realidade não coincide simplesmente com objetividade, realidade também ontológica, possui subjetividade. Na verdadeira relação deve-se considerar o ser a qual se dirige como capaz de responder ainda que seja com silêncio de compreensão. Este outro só existe como Tu quando se consegue ficar aberto para ele não o reduzindo a uma ideia. Mergulha-se numa esfera na qual deixa-se de ser simples e passa-se a ser um com o outro, aqui a transcendência assume o aspecto do amor, nela há valor ontológico que expressa a individualidade do homem.

Pode ser dizer assim que a relação Eu-Tu é um encontro no qual se afirmam duas presenças: Um Tu que é alguém que está presente, que corresponde ao apelo do Eu, que se constitui mediante um modo de presença que o introduz na existência; e o Eu que faz o apelo, trazendo o Tu a realidade

---

<sup>3</sup> Nas obras de Marcel, a participação de um eu e de um tu se expressa particularmente em seu teatro. Além disso ,abertura ao outro, ou essa sensibilidade para a alteridade, se deu em uma experiência verdadeiramente humana, em um plano de emoção densa, inquieta e empática: o fato de, na Primeira Guerra, fornecer a notícia dos mortos em batalha aos seus entes, como confessa ele próprio: “Esta experiência (...) desempenhou um papel fundamental, estou seguro disso, na elaboração de meu pensamento (...)” (Marcel, 1940, p. 47)

e vendo-o como um dom, pois este só se revela quando se abre a ele.

#### 4. O PAPEL DO TU ABSOLUTO

Deve-se ter uma relação de participação no Tu absoluto, que é ressonância da experiência de Deus, Onde não se vê mais Ele com um ele, mas como alguém que está frente a frente, O Tu. Assim Gabriel mostra uma filosofia de superação da ordem terrestre. O ponto inicial do homem para a vida é se relacionar-se com Deus, só assim pode conhecê-lo e não através de teorias. O relacionamento com Deus deve ser do tipo Eu-Tu, isto quer dizer que não é Ele um deus meramente racional, mas vivo e pessoal.

Desta forma, Gabriel rejeitará todo esforço racional, lógico, de ser tentar provar a existência de Deus. Pode-se somente experimentá-lo. A medida que o racionalizam tiram o caráter sobrenatural, místico, repondo a seu lugar um deus materialista, projeção do mundo. Mas não adianta também tratá-lo como sendo objeto metafísico, isto faz dele um ser estéreo fortalecendo a ateísmo. Em resumo, não se conhece nenhum posicionamento que tenha sido convertido por argumentações, seja da filosofia com a relação a Deus:

Aquilo cuja existência possa demonstrar-se ,não seria Deus, não pode sê-lo .  
Não há possibilidade de uma prova objetiva da existência Dele; é um absurdo  
semelhante modo de fundar um problema religioso, isso é indubitável (MARCEL, Gabriel. 1956. p.225)

Deus encontra-se no plano do amor e da fé, Gabriel vai mostrar a presença de Deus é essencialmente mistério do qual ninguém pode se aproximar através de aparatos intelectuais. Assim por exemplo, para ele, o argumento ontológico de Santo Anselmo resistiu somente porque se baseia em Deus desde o primeiro momento. Deus deve ser vivenciado na experiência permanente como o ser onde a necessidade de provas não tem importância.

O homem tem que compreender que é feito por Deus e não pode deixar de reconhecê-lo. Diante d'Ele atitude adequada não é um problema, mas um mistério de presença que propriamente não conhece, mas que se pode reconhecer ou aceitar ou negar. O mistério acerca de Deus tem sido um tema muito estudado em toda a história da filosofia seja como negação ou afirmação. Através da história se procura formar teorias para demonstrar a existência de Deus Gabriel Marcel não é a exceção, Deus é a questão central de seu pensamento só que é apresentado com restrições aos argumentos tradicionais.

#### 5. O PROBLEMA E O MISTÉRIO ENTRE RAZÃO E FÉ

No fundo dessas questões sobre verificar e o crer, Gabriel Marcel irá colocar uma distinção entre mistério e problema. A filosofia tradicional sempre tratou ser, como sendo um problema, apesar da sua importância o tratou como se fosse da mesma natureza dos outros problemas. Mas agindo desse modo encobriu o caráter único e irrepitível do mundo do mundo do ser, isto é, questões a

respeito do sentido da realidade do homem, todos dados desaparecem enquanto tais, e, a, realidade deixa de ser problemática.<sup>4</sup>

Assim não existe o problema do ser, mas se torna mistério. O problema é algo que se torna um obstáculo no caminho. Está inteiramente diante do questionador. O mistério ao contrário, é algo em que se encontra empenhado, cuja a essência implica, portanto que ele não se encontre inteiramente diante deste:

Sendo assim, as considerações sobre o mistério ontológico não devem ser tratadas no plano do pensamento lógico, mas ao contrário, na elucidação de dados mistérios: o mistério não pode ser entendido; o que pode ser entendido, o que se pode fazer é realizar análise dos modos de participação nele, é o caso da experiência cristã.<sup>5</sup>

Os dados de um problema estão sempre presentes, mesmo estando em uma desordem, e a única solução que se apresenta é substituir esta por uma ordem que satisfaça as exigências do pensamento. No objetivismo, o homem que descobre a solução do problema, é exterior a ele e por isso para resolvê-los necessita se deve sair da esfera do problemático para o mistério. Nesta esfera não tem interferência o conhecimento científico, a razão epistemológica, pois é ordem transverificável.

Contraposta à noção do problema apresenta Gabriel a de mistério, algo em que o homem se encontra comprometido, cuja essência não se mostra completamente. Isto não quer dizer que o mistério seja sinônimo de incognoscível. Este é limite do problemático.

## 6. A CAPACIDADE DE TRANSCENDÊNCIA NA LIBERDADE

O uso exagerado que se faz das palavras leva, frequentemente, a esvaziá-las de seu significado real. Pode-se falar com a razão de uma desvalorização da palavra e seu significado real. Pode-se falar com a razão de uma desvalorização da palavra, neste caso liberdade, uma das mais usadas no linguajar atual. Talvez, por isso, seu significado tenha sofrido uma inevitável desvalorização. Trata-se então, na medida do possível, de precisar o significado verdadeiro dessa palavra.

A liberdade não pode ser considerada no abstrato, como um atributo da essência do homem. Gabriel, como todos os existencialistas (menos não assumindo sê-lo), ressalta este procedimento, que não se trata de compreender a essência do homem se não sua experiência vivida plenamente.

Não se pode confundir a liberdade metafísica com as liberdades particulares como podem ser as liberdades sociais e políticas, de expressão, de movimento etc. A liberdade não quer dizer independência, pode ser que alguém tenha sido privado de sua liberdade física, e goze de grande liberdade. Para o homem moderno, que vive no mundo caracterizado pela multiplicação de técnicas cada vez mais perfeccionistas, a liberdade equivale à satisfação dos desejos e das necessidades

4 Marcel compreende que o lugar de onde se deve partir não é o outro senão a experiência existencial vivida. Daí que, não se trata compreender o homem que existe de fato, individual singular, situado no mundo.

5 Um dos conceitos-chaves para se adentrar na obra de Marcel, é a noção de “mistério”. O filósofo desmistifica, por meio desse agenciamento conceitual, toda e qualquer interpretação gnóstica, cabalística e até mesmo teológica quando se trata de diferenciar “mistério” de “problema” (âmbito do objeto). O mistério é essa experiência viva que atravessa a existência em sua concretude, isso é, como algo que toca, provoca, desperta o sentido. É sob esse prisma que a “participação” pressupõe o “mistério” como signo de engajamento..

artificiais criadas pelo desenvolvimento da mesma técnica, assim confundem liberdade e desejo.

A liberdade também se distingue da autonomia. Ser autônomo seria o equivalente a administrar por si mesmo a sua vida, sua liberdade, suas próprias qualidades e dons, como uma fortuna e uma posse. Mas isso implica numa redução da vida e da liberdade, porque considera-se como uma posse objetiva, o que não é objetivável. Hoje se tem liberdade em seu aspecto baixo, em não está condicionado a decidir isto ou aquilo. Mas a realidade da liberdade é muito mais profunda, não se trata só de escolher entre está ou aquela coisa.<sup>6</sup>

A liberdade possui um grande vínculo com a esperança. A esperança em Gabriel relaciona-se com a experiência de cativo, pois tal situação nega-se o acesso a uma plenitude espiritual, assim mostra a ligação entre dois conceitos. Para Gabriel o conceito de abertura é fundamental para que o homem seja livre. Começa no íntimo da relação consigo mesmo, na situação de ser encarnado. Se o homem torna-se escravo de si mesmo, cria, dentro dele um aspecto sombrio que pode transferir para relação com o outro. Ser fechado significa está ocupado consigo mesmo. Está é uma forma doentia de ser. A presença do outro deve torna-se uma fonte benéfica de renovação da fonte criadora. A experiência do outro pode levar um verdadeiro encontro no qual trata-se o outro como um ser livre.

A liberdade do indivíduo está pelo ser, que o procede. A liberdade é liberdade perante Deus ou em Deus. Assim Gabriel coloca a ação entre plenitude criadora e o recolhimento purificador. Ele sente-se comprometido a contrariar a doutrina clássica de grande valor da autossuficiência do homem. Perfeito, segundo ele, não é que o autossuficiente. Tal é a perfeição de um sistema, mas não o ser. Só a relação do ser com o ser, no plano da relação Eu-Tu, torna o homem livre, Por isso a liberdade deve ser fiel, o mais livre é o homem mais fiel.

## CONCLUSÃO

Nesse artigo, procurou-se mostrar alguns aspectos do pensamento de Gabriel Marcel, podendo, assim, perceber a sua riqueza. Embora não tenhamos abrangido sua totalidade, o que seria impossível, procuramos aqui mencionar os principais e mais originais temas como, por exemplo, a esperança, a relação intersubjetiva, a existência etc; que claramente e de forma alguma esgotam os temas da filosofia marceliana, dando apenas o núcleo para o aprofundamento no restante.

Gabriel, em determinado momento do seu pensamento, tentou sistematizar a vida humana em um esquema, impor regras e leis objetivas sobre ela, no entanto, fracassou percebendo então a impossibilidade de se fazer isso, pois a vida é um mistério. Mas ele não recorreu a ideia de mistério como sendo a única posição restante, por ser verdadeira, e perceber que a vida humana não pode ser analisada, mas deve ser vivida. Gabriel desfez a ideia de uma dimensão problemática da vida, colocou-a na dimensão do mistério, nele deve-se procurar ouvir a voz do Ser que chama para a

---

<sup>6</sup> Observamos porque, de um lado, o pensamento implica o real e, de outro, de que forma ele se identifica com esse real. Há a participação do pensamento à realidade. Como essa participação pode ser compreendida? A via única que se abre a nós parece ser bem a seguinte: considerar o ato mesmo de conhecimento (enquanto relação) e ver, como desse ato, uma passagem ao real é possível. A priori, pelo que tudo indica, devemos encontrar nele, por assim dizer, o estado seminal de todas as dificuldades, de todas as contradições que tornam impensável a ideia de saber absoluto. (MARCEL, 1961: 50).

participação nele, para um mundo harmonioso de convivência.

Viver com, eis a proposta que Gabriel faz à humanidade. Uma vida em comunidade onde se trata como sendo Tu. Um relacionamento pessoal, só assim é possível o homem se realizar plenamente enquanto pessoa, pois enquanto se estiver neste mundo de relações impessoais isso será praticamente impossível. Diante do preceito cristão “ama seu próximo como a ti mesmo” (Levítico 19,17-18), e só buscando o amor ao Eu é que verdadeiramente se ama o Tu. Não mais o tratando como objeto, mas um ser que auxilia nesse processo de crescimento.

Nesta sociedade, como afirma Gabriel, não se deseja um homem inquieto, mas que esteja satisfeito ou ocupado bastante em trabalhar e comprar, num processo insaciável de consumismo, para que eu não possa reclamar de algum direito meu que não esteja sendo cumprido. Daqui também vem sua crítica aos meios de comunicação, que procura alienar o homem, fazendo-o crer como se fosse a verdade irrevogável. Ademais, transmitindo as ideias de uma minoria que comanda o mundo, para uma maioria que trabalha para que esses passem a aceita-las de forma passiva e até mesmo inconsciente. Outro aspecto novo e válido do pensamento de Gabriel Marcel é sua crítica a própria filosofia que muitas vezes trata o problema do ser como se fosse da mesma natureza dos outros. Tenta objetivar o homem em sistemas. Enquanto o verdadeiro filósofo é aquele que procura analisar a realidade do homem; ele mesmo é um homem engajado em sua comunidade, pois são a partir deste engajamento que eles irão formular os seus conceitos, e não ficando em seu gabinete, formulando teorias sobre a humanidade.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. *História da filosofia*. Vol.14.2 Lisboa: Prensença,1982

ALLEG, H. *A tortura*. Trad. Armando Gimenez; prefácio de J-P. Sartre; cartas de Gabriel Marcel e François Mauriac. São Paulo: Zumbi, 1959.

ALOI, L. *Ontologia e dramma: Gabriel Marcel e Jean-Paul Sartre a confronto*. Prefazione di Franco Riva. Milano: Albo Versorio, 2014.

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada de Jersalém*. Tradução Gilberto da Silva Gorgulho(org) São Paulo: 2002. Editora Paulus

CAMUS, A. *Le mythe de sisyphé*. 69<sup>a</sup> ed. Paris: Gallimard, 1942.

\_\_\_\_\_. *L'homme révolté*. Paris: Gallimard, 1951.

CARVALHO, G. O. (Org.). *A filosofia de Gabriel Marcel: esperança no Tu Absoluto como fonte suprema de consistência e sentido da vida*. Porto Alegre: FI, 2019. [Cf. <https://www.editorafi.org/643gabrielmarcel>]

MARCEL, G. *Diário metafísico*. Buenos Aires: Sudamericana,1956.

\_\_\_\_\_. *Être et Avoir*. Paris: Aubier,1935.

\_\_\_\_\_. *Homo Viator*. Madrid: Sigüeme,2005.

\_\_\_\_\_. *Um Homem de Deus*. Rio de Janeiro: Editora Vozes,1964.